



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

ALESSANDRA SISLAYNE CARIRI GOMES

**COMO SE CONSTRÓI A FIGURA DO DEMONÍACO NO BRASIL: ANÁLISE DA
RESSIGNIFICAÇÃO DO SOBRENATURAL SOB OS POVOS ORIGINÁRIOS**

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

ALESSANDRA SISLAYNE CARIRI GOMES

COMO SE CONSTRÓI A FIGURA DO DEMONÍACO NO BRASIL: ANÁLISE DA
RESSIGNIFICAÇÃO DO SOBRENATURAL SOB OS POVOS ORIGINÁRIOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de “Como se constrói a figura do demoníaco no Brasil: análise da ressignificação do sobrenatural sob os povos originários”.

Área de concentração: Cultura e Sociedade: Imaginário e linguagem

Orientador: Prof. Dr. Ofélia Maria de Barros

CAMPINA GRANDE - PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633c Gomes, Alessandra Sislayne Cariri.
Como se constrói a figura do demoníaco no Brasil [manuscrito] : análise da ressignificação do sobrenatural sob os povos originários / Alessandra Sislayne Cariri Gomes. - 2018.
27 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Ofélia Maria de Barros , Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Povos originários . 2. Demoníaco . 3. Período colonial.
4. Cultura. I. Título

21. ed. CDD 981

ALESSANDRA SISLAYNE CARIRI GOMES

COMO SE CONSTRÓI A FIGURA DO DEMONÍACO NO BRASIL: ANÁLISE DA
RESSIGNIFICAÇÃO DO SOBRENATURAL SOB OS POVOS ORIGINÁRIOS

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de “Como se constrói a figura do demoníaco no brasil: análise da ressignificação do sobrenatural sob os povos originários”.

Área de concentração: Cultura e sociedade: imaginário e linguagem

Aprovada em: 05/12/2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. OFÉLIA MARIA DE BARROS(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. ITACYARA VIANA MIRANDA
Universidade Federal da Paraíba (GHENO/UFPB)


Prof. Dr. PATRÍCIA CRISTINA DE ARAGÃO ARAÚJO
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Oh, Meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu e socorrei principalmente as que mais precisarem. Amém” (*Credo, oração católica*)

AGRADECIMENTOS

Àqueles que caminharam comigo nesta dolorosa e saborosa jornada que é a vida, estando dispostos a desconstruir para continuarmos construindo, resistindo.

A minha família, por ser a primeira instituição que me instruiu para seguir em frente. A minha avó Maria do Socorro Montenegro, pela sua força e determinação feminina e maternal, que me concebeu em sua vida, em seu lar, construindo comigo valores que pretendo carregar durante toda vida. Agradeço imensamente por ter a oportunidade de chamá-la de mãe, fazendo jus a sua postura (e exemplo) de mulher humana, digna e forte.

A minha avó paterna Socorro de Lira (*in memoriam*), por ser ter sido prova viva que o suicídio pode falhar de forma dolorosa mas, a morte sempre bate a porta. A mamãe, por me ensinar a importância da liberdade na construção de um indivíduo, pelo amor e pela sinceridade e a paixão por incríveis doces momentos que perfumam as minhas lembranças de criança solidificando o significado do amor.

A meu tio Antônio (*in memoriam*), meus sinceros agradecimentos, por ter me presenteado com um irmão caçula, Arthur, por ter sido meu amigo e ter ensinado dentro da simplicidade dos seus pensamentos o significado e a importância da família.

As minhas professoras do ensino fundamental, parabéns pela profissão. Aos excelentes professores da Universidade Estadual da Paraíba, gratidão, por me ajudar a me construir não apenas como profissional mas, como pessoa, humana.

A minha professora e amiga Itacyara, agradeço por ter me ajudado academicamente com suas orientações (jamais esquecerei), sendo peça primordial na minha formação.

A minha orientadora Ofélia, pela paciência e crença na história como instrumento de transformação e de escrita social.

Ao Ramon meu profundo agradecimento e amor, agradeço pelas leituras e pelo auxílio durante essa trajetória acadêmica.

Aos meus amigos e amor, nossa luta é contra o fascismo, brindemos a vida, ao agora e a democracia.

Mas as grandes vedete da demonologia americana é o diabo: é ele que torna a natureza selvagem e indomável, é ele que confere os atributos da estranheza e da indecifrabilidade aos hábitos cotidianos dos ameríndios, é ele sobretudo que faz das práticas religiosas dos autóctones idolatrias terríveis e ameaçadoras, legitimando assim a extirpação pela força.

(*Laura de Mello Souza, 1993*)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2. O COMEÇO: O DEMONÍACO NO NOVO MUNDO	10
2.1 O SOBRENATURAL MALIGNO DERRAMADO NAS CABEÇAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS COMO ARTIFÍCIO IDEOLÓGICO	14
3 O NEOCOLONIALISMO DO SÉCULO XXI	18
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	23
ANEXO	25

COMO SE CONSTRÓI A FIGURA DO DEMONÍACO NO BRASIL: ANÁLISE DA RESSIGNIFICAÇÃO DO SOBRENATURAL SOB OS POVOS ORIGINÁRIOS

Alessandra Sislayne Cariri Gomes¹

RESUMO

Põe-se em questão a análise da solidificação do demônio-cristão em terras brasileiras durante o período colonial, a partir da relação entre os portugueses e os povos originários que aqui viviam, entendendo a justificativa demoníaca como elemento fundamental para o processo de aniquilação da cultura e da vida do “Outro”. Observamos a construção demoníaca como artifício ideológico e marcas gritante do colonialismo em pleno século XXI, analisando a bancada ruralista no congresso nacional percebemos discursos que reverbera a demonização criada no período colonial. O atual presidente eleito Jair Bolsonaro corrobora com esse discurso, colocando os povos originários como último plano do seu governo, sua fala vai além na inferiorização é uma ação contra a humanidade. Este artigo explicita características de diferentes correntes historiográficas no campo da religiosidade e do imaginário, corroborando com um debate interdisciplinar no campo da antropologia.

Palavras-Chave: Povos originários, Demoníaco. Colonialismo

1 INTRODUÇÃO

Abarcar dentro da História Social uma compreensão acerca do impacto do colonialismo nos povos originários, considerando que as consequências do processo colonial em 1500 reverbera nas políticas públicas do Brasil até os dias atuais, é a principal motivação para esse trabalho. Analisar a construção do índio brasileiro por um viés europeu e católico é nos deparar com o processo de demonização. Neste trabalho dialogamos que a demonização dos indígenas durante a colonização está arraigada na sociedade política do Brasil atual.

É justo sob o encontro de dois povos completamente opostos - o colonizador português e os povos originários no século XIV -, que me debruço para analisar a construção demoníaca, com o apoio de fontes historiográficas. A religião católica, institucionalizada na Europa no século XIV, foi a principal força motriz na produção dessa mentalidade que associava a figura demoníaca aos povos originários, fato

¹ Aluna de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, Integrante do núcleo de Estudo e Pesquisa Afro-brasileiros e Indígenas - NEABI/CG
Email: alessandragoomes@gmail.com

este serviu de alicerce básico para justificar todas as atrocidades que aqui foram cometidas em nome do processo colonizatório.

Compreendendo esse processo de demonização e as motivações que levaram a esse pensamento a se solidificar no período colonial, entendemos que esta forma de pensar não só foi normalizada, mas enraizada dentro da sociedade brasileira, pois encontramos facilmente na nossa sociedade atual, discursos de representantes do poder que ressignificam a colonização e a demonização do outro, propondo um discurso de ódio e de extermínio às populações indígenas.

O processo de demonização que foi consolidado no Brasil com a chegada dos religiosos europeus, durante o período seiscentista, construiu uma justificativa de demonizar o que era de diferente e desconhecido dentro do novo mundo. No Brasil, os portugueses possuíam a principal responsabilidade dessa configuração demoníaca-cristã que recaía sob os povos originários que aqui viviam, sendo estes nomeados como fruto de natureza sobrenatural e maligna.

Esse trabalho será realizado, juntamente com um debate interdisciplinar no campo da história e da antropologia, através do contato com pesquisas e obras historiográficas que discutem a situação do Brasil colônia e atual, chamando a atenção da religiosidade e sua especificidade diante dos povos originários. Dialogando com fontes virtuais de jornais e revista, entendemos o que acontece no Brasil referente a políticas indigenista e o posicionamento da bancada ruralista, no congresso nacional.

Percebemos nesse trabalho a existência de um discurso colonizador presente no século XXI, entendendo o seu poder na demonização do outro. Sendo o setor do agronegócio brasileiro o principal grupo social de maior poder e de maior impacto nos povos originários e ambientais na articulação desse discurso. Analisando o discurso do atual presidente eleito Jair Bolsonaro, encontramos um colonialismo gritante, que anula a subjetividade dos povos originários, diminuindo sua luta e suas necessidades.

Dentro de um diálogo interdisciplinar entre o historiador Sérgio Buarque de Holanda na sua obra *Visões do Paraíso* e o antropólogo Darcy Ribeiro com o livro *O povo brasileiro*, debatemos o impacto do primeiro encontro, entre portugueses e indígenas no litoral Brasileiro, e como se procedeu a vivência desses dois povos.

É sabido a intensidade da força desse primeiro encontro. A vivência do homem europeu com os povos originários, transitou de algo divino ao demoníaco,

onde os primeiros contatos configuraram o indígena como um ser benevolente, devido a sua “ingenuidade”, representada para o europeu através da sua falta de vestes e serventia aos recém chegado. Em seguida temos a demonização desses povos, devido a descobertas de práticas que envolvia seu tecido social e era fortemente reprovada no mundo europeu, tais como antropofagia e poligamia. Em suma o cotidiano de ambos, durante os primeiros anos do século XIV, acabam estabelecendo a discussão da construção demoníaca como justificativa de inferiorização e submissão.

A demonização das práticas sociais dos povos originários, aflorou no homem europeu um sentimento de superioridade, que terminou por justificar na inferiorização do outro. Assim as práticas comuns para os indígenas, que já foram citadas acima, acabavam se tornando motivo para a demonização dos índios pelos portugueses. Esse comportamento europeu não é lançado somente aos indígenas, mas também aos africanos trazidos para o trabalho escravo nas *plantations* brasileiras.

Chamo atenção do poder do catolicismo moderno na vida colonial, recortando o seu impacto impetuoso na vida das sociedades originárias. Corroborando neste debate as obras historiográfica: *Calibã E A Bruxa - Mulheres, Corpo E Acumulação Primitiva*, da historiadora Silvia Federici; *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial - 2009*, escrito por Laura de Mello e Souza; e *A história do medo no Ocidente - 2009* do historiador francês Jean Delumeau

O estudo da construção do demônio europeu em terras brasileiras, ajuda a nos compreender enquanto nação dentro da sociedade atual. O processo colonial ainda está arraigado em nosso país, juntamente com o conservadorismo representado pelos políticos da bancada do ruralista no congresso nacional. Compreender os personagens coloniais, (homem branco, o índio, o africano e a igreja católica) e suas atuações durante as primeiras década de formação da nossa sociedade, nos localiza na narrativa histórica do Brasil atual, trazendo a tona questionamentos sobre o índio e seu espaço que sempre esteve em constante conflito desde da chegada do homem branco.

Diante dos discurso de ódio, de representante políticos brasileiros e de parte da nossa sociedade, encontramos um país que caminha para o retrocesso, na tentativa de marginalizar - ou seria exterminar? - grupos que possuem práticas culturais, religiosas e sexuais específicas, que não cabem na lógica homem branco

cristão. Construindo assim uma ideia de que tudo aquilo que não participe diretamente do modelo civilizatório capitalista permanece na margem demoníaca construída há séculos atrás.

Este presente artigo proporciona uma reflexão sobre a aceitação da pluralidade étnica, racial e religiosa, defendida claramente na constituição brasileira. Estudar o passado para compreender os passos dados na sociedade atual é um exercício indispensável para uma consciência política e social. É preciso soltar as amarras demoníaca que nos aprisiona a um pensamento retrógrado para caminhar de forma respeitosa com o outro e o nosso meio. Partindo desse princípio, o artigo se divide em três tópicos. Os dois primeiros tratam da construção demoníaca atrelada aos povos originários, compreendendo o mesmo como instrumento ideológico de dominação utilizado pela classe dominante. No terceiro tópico, travamos um diálogo com a atualidade, e percebemos rastros do passado no discurso do presente, justificando a importância de compreender o passado

2. O COMEÇO: O DEMONÍACO NO NOVO MUNDO

Os índios² que viviam em solo brasileiro antes da chegada do homem branco, possuíam um tecido social peculiar, com características bem distantes daquelas vivenciadas na Europa durante o fim da idade média. Para além dessas peculiaridades, é importante afirmar que todo o território brasileiro estava ocupado por índios de diferentes tribos, calculando-se a existência de mais de 7.000 dialetos (SIL International, 2009), ou seja, estamos falando aqui, da existência de comunidades únicas e diferentes entre si, que terminaram por ser homogeneizadas pelo discurso europeu do século XV.

Dentro deste cenário encontramos no século XV na Europa uma preocupação econômica de expansão territorial e comercial, que terminou por trazer os portugueses para o litoral brasileiro. Assim, os conquistadores que aqui chegaram, para impor seu modelo comercial e expansionista, estabeleceram uma relação de dominação, buscando anular a cultura dos que aqui viviam. Os índios, com quem os europeus construíram o período colonial brasileiro, passam a ser vistos pelos

² Os povos indígenas tiveram participação essencial nos processos de conquista e colonização em todas as regiões da América. Na condição de aliados ou inimigos, eles desempenharam importantes e variados papéis na construção das sociedades coloniais e pós-coloniais. Foram diferentes grupos nativos do continente americano de etnias, línguas e culturas diversas que receberam os europeus das formas mais variadas e foram todos, por eles, chamados índios. (ALMEIDA, 2010, p.9)

portugueses como seres inferiores e aculturados, ou melhor dizendo, como o barro que precisava ser moldado conforme as necessidades do processo colonizador. O antropólogo Darcy Ribeiro, sobre esse encontro, constrói a seguinte narrativa:

Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tal qual eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só diferentes mas opostas do mundo, da vida, da morte e do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes, barbudos, hirsutos, fedentos de meses de navegação oceânica, escalavrados de feridas do escorbuto, olhavam, em espanto, o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, vestidos da nudez emplumada, esplêndidos de vigor e beleza, tapando as ventas contra a pestilência, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saíam do mar. (RIBEIRO. D. 2015, p.35)

Analisando que o choque do primeiro encontro, atingiu os dois lados da moeda, percebemos ao longo da nossa vivência que coube ao europeu o papel de protagonista, do dominador, enquanto o do índio resumiu-se, por atividade e construção portuguesa, o papel de antagonista, de dominado. A ideia do que seria o índio foi várias vezes modificada e repensada pelos portugueses durante o período colonial, indo de benevolente e ingênuo à fruto do mal e seres demoníaco.

Assim, entendemos que a binaridade católica presente no pensamento do colonizador, alcança a interpretação dos povos originários, construindo neles uma carga negativa, formada de todos os males da sociedade europeia, articulada pelos medos e desejos dos que aqui chegavam. De um lado o bom e o divino, do outro lado, o mau e o demoníaco.

Em suma, essa problemática já foi discutida em muitas dissertações e não cabe aprofundá-la nesse trabalho. O que é necessário discutir aqui é a permanência da demonização nas práticas exercida pelos povos originários, algo que adentrou no universo social, transbordando os aspectos religiosos da colonização e permanecendo enraizados no tecido social brasileiro. Ou seja, no que diz respeito ao índio e a sociedade brasileira, sua cultura e seu lugar, o colonialismo ainda se faz presente.

O debate inaugurado por Sérgio Buarque de Holanda em 1956, com a obra *Visão do Paraíso - 2010* e debatido nos primeiros capítulos do livro: *O Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*, de Laura de Mello e Souza revela o imaginário europeu diante das inúmeras descobertas que aqui fizeram, o impacto do novo, especialmente a construção de um paraíso terreno localizado em terra incógnitas. Fato este, que nos leva a entender a presença da

binaridade do catolicismo (bem e mal, céu e inferno, Deus e o Diabo) e como isso foi essencial no período seiscentista, na condenação da alteridade.

O bom e o ruim, o Céu e o Inferno que acabavam se harmonizando na Europa - na metrópole - podiam, aqui - colônia - mais do que em qualquer outro lugar, tender a polarização. No tocante à natureza, a ideia de prolongamento da Europa - e portanto lugar de concretização dos mitos de um paraíso terrestre - tendeu a triunfar: quase sempre, indeniza-se a natureza. (SOUZA, 2009, p.47)

Desta forma, estava presente no colonizador uma necessidade de rotular o que acontecia nessas terras “virgens” a partir de uma visão de mundo europeia. As associações feitas nesse solo remetiam, na maioria dos casos, as Sagradas Escrituras, pois não existia como plano de colonização a aceitação do outro como diferente, lemos:

(...) a ideia da corrupção deste nosso mundo e da natureza, em consequência do Pecado e da Queda, acha-se implantada, em todo o sentimento e pensamento cristãos, e deita claramente suas raízes nas Sagradas Escrituras. Não custaria distingui-la já no *Gênesis*, quando alude à Maldição divina lançada sobre a própria terra, que passaria agora a dar cardos e abrolhos. E ainda, para também recorrer ao Novo Testamento, naquele passo da Epístola aos Romanos (8,22), onde está dito que toda criação, e não somente a espécie humana, “geme e padece até hoje” por culpa do primeiro homem. Mas esse pessimismo fundamental já não seria o ponto de partida necessário para a glorificação de outros mundos, das terras incógnitas, porventura ainda virgens e indenes dessa decadência geral, como se neles não tivesse o Pecado(...) (BUARQUE.S, 2010, p.277)

Sérgio Buarque de Holanda, analisa que não existia no pensamento europeu, em primeira instância a procura do bem terreno, os colonizadores pareciam cego com o mito do pecado primordial³ cometido pelos primeiros seres vivos segundo a tradição católica, derramando sobre todos os homens a responsabilidade, justificando toda uma vida de dor, sofrimento e trabalho escravo, situação esta comum na idade medieval. Assim, o contato com a vida libertina dos povos originários pode ser compreendida como um espanto, por qual razão aquele povos sem leis, nem reis, nem fé⁴ desfrutavam de uma vida de calma, onde seu cotidiano mais se aproximavam de um paraíso terreno?

³ A humanidade inteira é parte integrante do pecado do primeiro casal e é coletivamente responsável por ele. O peso dessa falta afeta, até o nível mais profundo, a vontade do homem e torna suspeito o exercício de sua liberdade, que o leva, geralmente, para o mal. (BASCHET, 2006, p. 376)

⁴ Um dos principais edenizadores da colônia no século XVI, Gandavo, fala demoradamente sobre a “multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil”, enfatizando seus

Não achando uma resposta exata, senão especulações religiosas, a associação dos povos originários com a figura do demoníaco, ganha destaque e passa a ganhar mais força com a vivência cotidiana e as descobertas de práticas recorrentes na vida dos indígenas como antropofagia e poligamia. Essas práticas eram consideradas abomináveis no velho mundo, devido a solidificação do moralismo católico.

A historiadora Gláucia De Souza Freire, na conclusão da sua tese de mestrado nos apresenta com a obra: *Encontros, diálogos e agências: circularidade culturais entre indígenas Tarairiu e missionários na Paraíba setecentista - 2015*, possibilitando um olhar mais específico para os casos de demonização dos indígenas na Paraíba, que terminavam por demonizar o outro, negar sua alteridade e anulando sua subjetividade:

A alteridade se construía também na América portuguesa a partir da negação, portanto do outro, aquele que o colonizador dizia seu contrário, embora trouxesse nesse contrário a carga que julgava negativa de si próprio. Demonizara a humanidade ameríndia (SOUZA, 1987, p.67) para tentar extirpar seus próprios demônios. Todorov, ao falar sobre o contato entre Cristóvão Colombo e um grupo de indígenas no processo de colonização espanhol, reflete acerca da questão da alteridade, alegando que houve uma revelação e ao mesmo tempo uma recusa da mesma, no sentido em que não se compreendeu o caráter da diversidade cultural indígena, apesar de sentida a preocupação em comparar a ela e os costumes da metrópole. (FREIRE, 201, p. 131)

Essa negação do outro, solidifica o indígena como o demoníaco, nos levando a questionar as práticas rotuladas ao demônio-cristão. Dentro da mitologia católica observa-se que as práticas divinas equivalem a algo sobrenatural, como andar sobre as águas, abrir o mar, multiplicar alimentos, ressuscitar os mortos, curar enfermidade, dentre outros. Por outro lado as práticas julgadas como demoníacas, mais especificamente pelo Santo Ofício e a inquisição, não representam nada de outro mundo, até porque a prática que mais espantou o homem branco foi a antropofagia, (compreendendo que a poligamia é algo presente no ocidente muito antes da existência do cristianismo).

caracteres negativos: ameaçam a segurança dos colonos, combatem com armas na mão “todas nações humanas” (dentre as quais, evidentemente, não se incluem), não pronunciam o F, o L e o R, por conseguinte, não têm Fé, Lei ou Rei, “vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida”. “Gente é esta muito atrevida”, diria mais adiante, incapaz de amizade, sem crença na alma, vingativa. “Mui desumanos e crúeis”, desapiedados, “mui desonestos e dados à sensualidade”, entregavam-se aos vícios “como se neles não houvera razão de humanos”. (SOUZA. 2009. p. 80)

Ou seja, o demoníaco em solo brasileiro é algo terreno, possível de julgamento e acusação prática. Fato este utilizado para impor aos índios a lógica da colonização e assim justificar todas as atrocidades que precisavam ser feitas para pôr em prática a empreitada de fundar a tal da terra de “Vera Cruz”, que veio a se tornar a República Federativa do Brasil, mas que não perdeu esta lógica demonizante e marginalizadora dos povos indígenas.

2.1 O SOBRENATURAL MALIGNO DERRAMADO NAS CABEÇAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS COMO ARTIFÍCIO IDEOLÓGICO

Sendo um fato consumado, que o homem branco europeu da idade média é uma criatura moldada pelo amedrontamento, calculamos inúmeros medos solidificados na mentalidade desta sociedade. O contato com o “Novo Mundo”, assombra e faz nascer novos medos: o medo da fauna, da flora e dos povos que ali habitavam. O homem europeu medroso, se espanta com o novo e recorre a sua fé para compreender aquele continente recém descoberto. Tudo aquilo que não é facilmente compreensível para o catolicismo⁵ é condenado e relacionando ao demoníaco.

Desta forma todas as populações diferentes do universo europeu ocidental são reprovadas. Chamo atenção para o historiador francês Jean Delumeau na sua obra “*A história do medo no Ocidente - 2009*”, na qual ele dedica o capítulo “*Os agentes de Satã: I. Idólatras e Muçulmanos*”, aos povos não cristãos que foram representados como frutos demoníacos. Tudo isso se deu por meio da configuração do catolicismo, apontado por Delumeau como uma religião dualista que enfatiza a ameaça e o castigo. Nesse diálogo, o bem e o mal atuam com o mesmo peso e medida, não sendo possível a existência de um sem o outro.

Assim, entendendo o conceito de ideologia dentro da teoria marxista, podemos analisar a lógica demonizante nascida do catolicismo e imposta sobre os povos originários como uma forma ideológica, utilizada para justificar as práticas racistas e preconceituosa dos colonizadores. A ideia de uma ideologia demoníaca como inimigo real dos homens brancos aplicada na prática, funciona como um

⁵ As mulheres acusadas de bruxaria durante a Idade Média são uma grande prova da incapacidade do catolicismo de lidar com as diferenças do universo machista.

pensamento de dominação oriundo das classes dominantes, aqui no caso os colonizadores, enquanto os índios faziam as vezes da classe dominada.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. (MARX; ENGELS, 1987, p. 72).

Assim precisamos nos questionar o porquê crer, que o maligno sobrenatural da fé católica irá recair naqueles que não possuem nenhum conhecimento desta religião. O raciocínio lógico para esse ato de total desumanidade é a configuração do medo como pedra angular do catolicismo, resultando na facilidade em aniquilar o “Outro”, como instrumento de fé e poder. Desta forma, muitas das suas práticas foram facilmente associada ao castigo, crime e medo, tendo em suas atividades a justificativa para todas as atrocidades necessárias a colonização como representação da ira de Deus sobre os homens, algo bastante comum no Antigo Testamento e aqui peça fundamental da formação ideológica da demonização do outro - no nosso caso, o índio.

Na Europa no começo da Idade Moderna, o medo camuflado ou manifesto, está presente em toda parte. Assim é em todas as civilizações mal armadas tecnicamente para responder às múltiplas agressões de um meio ameaçador. (DELUMEAU, 2009, p. 54).

Portanto, podemos dizer que a “Adoração ao Demônio foi levada ao “Novo Mundo” pelos missionários e conquistadores como uma ferramenta para a subjugação das populações locais” (FEDERICI, 2004, p. 294). Com essas palavras a historiadora Silvia Federici, reforça a ideia de uma colonização demoníaca. Ao analisar o que isso significa, percebemos que a ideia de homogeneização cristã defendida pelo homem branco é uma farsa e que essa luta contra o maligno

sobrenatural é uma neurose obsessiva⁶, utilizada como ferramenta ideológica de dominação. Um fato histórico que chama a atenção é o período de caça às bruxas na Europa, que aconteceu intercalado ao o período colonial. Portanto, podemos dizer que o impacto que as caças a bruxas tiveram sobre as mulheres europeias (aqui reforçando o caráter ideológico) nesse período pode ser comparado ao que aconteceu com a população ameríndia e africana.

As figuras correspondentes à típica bruxa europeia não foram, portanto, os magos do Renascimento, mas os nativos americanos colonizados e os africanos escravizados que, nas 361 plantações do “Novo Mundo”, tiveram um destino similar ao das mulheres na Europa, fornecendo ao capital a aparentemente inesgotável provisão de trabalho necessário para a acumulação. Os destinos das mulheres na Europa e dos ameríndios e africanos nas colônias estavam tão conectados que suas influências foram recíprocas. A caça às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram levadas à América para romper a resistência das populações locais, justificando assim a colonização e o tráfico de escravos ante os olhos do mundo. (FEDERICI, 2004, p.368).

O discurso forjado no embasamento de que o índio ganharia a salvação cristã com a chegada do colonizador, é uma narrativa fantasiosa que corrobora com o discurso de extermínio do colonialismo e com a construção dessa ideologia demonizante - inclusive mantendo este mesmo papel na sociedade brasileira atual como veremos no próximo tópico. Desta forma, não podemos permitir relativização sobre o fato histórico desse modelo social, político e econômico, e negar suas atrocidades e impactos cruéis nas inúmeras sociedades indígenas (e africanas através do advento da escravidão no Brasil).

Como se não bastasse o avanço do controle territorial realizado pelos colonos portugueses, os missionários que aqui chegaram caminhavam para o controle de mentes e corpos do povos originários, através da catequização realizada majoritariamente pela Companhia de Jesus - os jesuítas.

Para os religiosos, reunir os índios em aldeias para catequizá-los e extirpar seus vícios e práticas consideradas diabólicas significava cumprir os ideais missionários aos quais se dedicavam. Para isso, precisavam submetê-los à disciplina, à obediência e ao trabalho compulsório e compactuam com a violência das guerras e escravizações contra aqueles que se recusaram a colaborar. Já foi visto que o projeto missionário dos jesuítas adaptou-se a condições locais na América portuguesa. (ALMEIDA, 2010, p.74)

⁶ Lacan em sua publicação datada em 1999, esclarece a construção do termo neurose obsessiva, o que determina este sujeito é a sua capacidade de pensar, mas com a característica de que ele deseja para si mesmo e para anular o desejo do Outro.

A ideia de que os jesuítas trabalhavam a favor dos índios na busca para os mesmos de uma vida cristã longe do pecado, reforça essa necessidade de corrigir o outro, de transforma-lo, que apoia-se justamente na diferença, e no seu uso inferiorizante. Assim, podemos entender o trabalho feito pelos missionários jesuítas como uma ação política que corrobora com os interesses da coroa portuguesa, demonstrando uma face de intolerância e aniquilação nessa atividade religiosa.

A catequese e as medidas “normalizadoras” das autoridades coloniais e dos dignitários da Igreja, a ação do Santo Ofício somaram esforços no sentido de homogeneizar a humanidade inviolável, animalésca, demoníaca do Brasil colonial. Cumpria “corrigir o corpo do Brasil”, afastar as populações do demônio e aproximá-las de Cristo, amansando-as. (SOUZA. 2009. p.99)

Podemos afirmar que com o advento da colonização no Brasil o diabo foi “banalizado”, já que práticas meramente humanas podiam ser facilmente denominada como possessão. Entretanto o que analisamos de forma bastante clara, é que essa banalização coloca o diabo como protagonista de uma ideologia, esta mesma que estamos discutindo aqui e que tornou-se base da colonização. Assim, a relação dos povos originários americanos e africanos com o sobrenatural malévolo da Europa ocidental é uma clara forma pragmática de repressão, utilizada para justificar a escravidão e o genocídio que aconteceu nesta terra.

Assim, fica claro o princípio básico dessa ideologia demonizante: a associação dos povos originários com o diabólico, com aquilo que precisa ser corrigido, transmutado em outra coisa vista como normalizante por essa mesma ideologia. Para os colonizadores o processo colonial estava justificado ideologicamente, justo na necessidade de tornar o outro - o índio, visto ali de forma diferente, com práticas “repulsivas” - em uma forma igual ao do colonizador. Quando isso não era possível - na maioria dos casos? ou quase sempre? -, a escravização ou o extermínio dessas pessoas “diferentes” era o único “remédio”.

Portanto, por séculos a troca entre quem coloniza - os portugueses ou a classe dominante -, e quem é colonizado - os ameríndios ou a classe dominada -, foi baseada em formas de redução e dominação do outro, onde não bastava dominar economicamente, era preciso reduzir aquelas pessoas a formas menores, e a partir disso oferecer duas alternativas (duas mortes possíveis?): deixar de ser quem era e se adequar ou morrer.

3. O NEOCOLONIALISMO DO SÉCULO XXI

Na atualidade encontramos no Brasil ações jurídicas que afetam toda a construção social dos povos originários, que por sua vez foi posto desde os primórdios do estado brasileiro como os últimos a receberem propostas/leis dentro do campo das políticas públicas. Os povos originários (aqui, além dos indígenas, incluímos as comunidades quilombolas) participaram ativamente da construção do Brasil, da sua formação social, cultural e econômica. Porém, todavia, essa gente permanece dentro de um processo de marginalização gritante, que afeta diretamente o seu desenvolvimento.

Dentro do campo de demarcação territorial - a principal política afirmativa em relação aos povos indígenas -, é sabido que uma discussão ética se faz como ponto crucial para efetivação de tal política pública. Assim a historiadora Maria Regina Celestino de Almeida, analisa que desde meados do século XVIII, já ocorriam disputas políticas em torno de classificações étnicas para assegurar ou não direitos indígenas concebidos pela legislação (ALMEIDA, 2010, p.20). Existindo então, desde o período colonial uma preocupação em deslegitimar os povos originários, por argumento étnicos raciais.

O neocolonialismo presente em nossa sociedade atual, ressignifica algumas práticas que deveriam ter sido extinta juntamente como o colonialismo. Tomemos o caso da bancada ruralista - grupo de deputados suprapartidário atuante no congresso nacional voltado para a defesa dos interesses do agronegócio -, que demonstra desde dos primórdios de sua atividade uma desvalorização dos povos originários, com criações de leis e discurso que negam não só seus direitos mas também a sua alteridade.

Compreendendo também que os povos originários lutam há tempos, para afirmar ativamente sua existência e necessidades - fatos estes garantidos por lei pela constituição de 1988 mas que não são levados a cabo -, mas vivem com a insegurança de ter seus direitos saqueados e suas vidas tomadas, trazemos a posição da historiadora Maria Regina Celestina Almeida, sobre a luta dos movimentos indígenas, na seguinte citação:

Por ora, para o argumento em questão, importa reconhecer que os movimentos indígenas da atualidade evidenciam que falar português, participar de discussões políticas, reivindicar direitos através do sistema

judiciário, enfim, participar intensamente da sociedade dos brancos e aprender seu mecanismo de funcionamento não significa deixar de ser índio e sim a possibilidade de agir, sobreviver e defender seus direitos. São os próprios índios de hoje que não permitem mais pensar em distinções rígidas entre índios aculturados e índios puros.(ALMEIDA, 2010, p.20)

Percebemos que a ação dos indígenas dentro do universo político dos brancos é antes de tudo uma tentativa de resistência e de garantir seus direitos, em suma essa a ação é duramente criticada por aqueles que tentam deslegitimá-los. Portanto, na perspectiva de entender a articulação dessa demonização histórica do índio que impõe uma aculturação difusa e que perpassa a chegada dos portugueses até os dias de hoje, analisamos aqui o discurso de dois nomes importantes para a articulação do agronegócio brasileiro e na repressão dos direitos indígenas, são eles o presidente eleito Jair Bolsonaro e atual ministro da agricultura Blairo Maggi.

Todos os dois, independente de suas posições políticas, procuram favorecer a expansão do agronegócio acima de tudo em seus discursos e atitudes políticas. Como a militante da causa indígena, Sônia Guajajara atesta:

Bolsonaro quer flexibilizar a legislação e rever processo de demarcação para entregar a terra ao agronegócio, à mineração e à especulação imobiliária. A gente teme ter que pagar com a própria vida, mas não vamos recuar. (EL PAÍS. 2018)

Um grande exemplo disso foi a fala do presidente eleito Jair Bolsonaro para o Estadão, importante jornal da cidade de São Paulo, que apresenta o seguinte dizeres: “O índio quer ser o que nós somos, o índio quer o que nós queremos”, na mesma entrevista, outra fala polêmica:

No início do mês, Bolsonaro voltou a dizer que, se depender dele, não haverá mais demarcação de terras indígenas no País. Segundo o presidente eleito, as reservas existentes foram superdimensionadas. “Índio é um ser humano como nós. Ele quer empreender, quer luz elétrica, quer médico, quer dentista, quer um carro, quer viajar de avião”, disse em entrevista. (ESTADÃO, 2018, não paginado)

Assim, colocando essas falas em perspectiva, percebemos, a existência da anulação da alteridade e dos desejos do outro e a existência de um forte discurso de negação dos direitos dos povos indígenas, que passou por um processo de acultramento ao longo de cinco séculos de construção de um país. No caso para Bolsonaro, o índio quer exatamente o que ele quer, ser engolido pela máquina do

agronegócio em um ideia de expansão comercial da exploração da terra, exatamente o que os portugueses propunha durante a colonização. Assim, percebemos que o colonialismo ainda está presente nas atitudes e discursos de figuras de poder do nosso país, não só negando a luta daqueles que são marginalizados pela bancada ruralista da mas demonização do outro nas entrelinhas - vide o comentário do mesmo Jair Bolsonaro sobre os quilombolas, divulgado pelo site congresso em foco, com seguinte dizeres “quilombola não serve nem para procriar”.

É preciso compreender que a relação dos povos indígenas como o mundo branco é algo singular, que não corrobora com os modos de vida do homem branco. Um grande exemplo disso é sua relação com a terra, que não se resume a uma simples extensão territorial, é algo fortemente relacionado com o sentimento de pertencimento, com a religiosidade e o sagrado. Negar essa relação do indígena com a terra é uma usurpação cultural, já que para esses povos, a relação como o território se estende dos valores físicos.⁷ Tal relação é ignorada pela articulação capitalista feita pelo agronegócio e os seus homens, já que estes “um torrão de terra é igual ao outro. Porque ele é um estranho, que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, nem sua amiga, e depois de exaurí-la ele vai embora” (SEATTLE, 1855)⁸

Diante dessa dificuldade do homem branco de compreender e respeitar os modos de vida daqueles que não tem interesse em se cooptar ao sistema econômico capitalista, vemos um discurso repetitivo, que diz que os índios precisam “progredir” e “acompanhar os avanços econômicos”. Percebemos que esse é um discurso bastante utilizado pela bancada ruralista, que tenta se apropriar dos territórios indígenas, com interesse de expandir suas plantações de soja, voltadas majoritariamente para alimentação de gado, ou seja um círculo vicioso.

Outro discurso que chama atenção, é a do atual ministro da agricultura Blairo Maggi, conhecido como o “Rei da Soja”, que se apresentada como uma pessoa que não compreende as necessidades territoriais indígenas, embora seja popularmente nomeado como “ruralista moderado”. Todavia Blairo Maggi busca uma relação

⁷ Cada tribo possui uma relação diferente com a terra que vive, de forma ampla é preciso compreender que na maioria das tribos, a terra é uma extensão cultural, social e espiritual. É também onde encontra plantados seus ancestrais.

⁸ Carta feita pelo Cacique Seattles da tribo Suquamish, do Estado de Washington, destinada a autoridade máxima estadunidense, expondo noções básicas da vida subjetiva e coletiva.

amigável com os povos originários, mas ainda assim percebemos claramente em seu discurso que ele prioriza os empresários e os donos de terra.

Temos mais terras indígenas do que terras que produzem alimentos no Brasil. Então a questão não é de falta de volume de terras para indígenas. O que acontece é que em alguns lugares os índios são incitados, por outros interesses, a arrumarem confusão em áreas já consolidadas. Fui relator de uma PEC no Senado, que agora está na Câmara, que estabelece que quando criada uma nova área indígena, o proprietário deve ser indenizado pelo valor da terra e também pelas benfeitorias. Esse é um jogo claro. Se você quer a terra, leva, mas para isso precisa pagar o que ela vale. O que o agricultor não aceita, e eu também não aceito, é o produtor ser expropriado. (BEEFPOINT,2016, não paginado)

Assim, toda essa afirmação do agronegócio contrária às demarcações de terras indígenas são opostas ao funcionamento natural do tecido social dos povos originários. E para além disso, retomam o discurso demonizador instaurado sobre essas sociedade durante o colonialismo, fato este que sobrevive a olhos vistos até os dias atuais e permanece como justificativa de inferiorizar aqueles que não se adequam aos modos de sociabilidade imposta pela sociedade capitalista.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando a chegada dos portugueses no Brasil, nos deparamos com o peuples autochtones 1500 na costa litorânea do Brasil, surpreendeu ambos os lado, mas foi a convivência que conduziu a impactos essenciais na construção e formação do país.

A solidificação do catolicismo como religião oficial, trouxe Deus e o Diabo para a terra de Santa Cruz, entretanto coube ao Diabo o papel de protagonista na vida colonial. Compreendemos então que os índios que aqui viviam durante a colonização, passaram por um processo de demonização, já que foram julgados pelo homem branco como criaturas inferiores e fruto da natureza hedionda. Tal julgamento se deu, por que os índios apresentaram comportamentos e práticas reprováveis no velho mundo, como nudismo, poligamia e outros.

O catolicismo trazido pelos portugueses atuou como arma fundamental, para o controle de mente e corpos dos povos originários, fazendo com que essas populações sofressem de forma gritante com esse advento. Em suma, é notável a resistência do colonialismo que parecia ter fim há séculos atrás mas, continua atuante em pleno século XXI.

Analizamos a construção demoníaca dos povos indígenas como um artifício ideológico, já que era necessário para a classe dominante (portugueses) a inferiorização do outro para confirmação da sua soberania. Na atualidade nos questionamos sobre a situação indígena no nosso país e vemos herança no discurso colonial enraizado, na ação política e social.

Observamos, que o debate colonial de demonização dos povos originários pelos europeus, não ficou preso às amarras do passado, pelo contrário, ele é fundamental para compreender o neocolonialismo e a situação das políticas indigenista no Brasil, atual. Não ocorreu uma revolução que colocasse os povos originários longe do homem brancos com todos seus direitos assegurados.

A luta pelos direito dos povos originários é algo constante desde do período colonial, e se torna acima de tudo uma atividade de resistência ao capitalismo e a bancada ruralista que tenta silenciar essa população, com a justificativa que devemos caminhar para o “progresso”.

O fato dessas populações terem sido silenciada pela historiografia por anos, dificultou a compreensão do ser índio para a maioria da população brasileira, que ainda possui a mentalidade configurada do indígenas do século XV, não permitindo uma reconfiguração e evolução desse povo.

Ao analisar o discurso do atual presidente eleito Jair Bolsonaro, encontramos rastros de ódio e de negação da alteridade dos primeiros habitantes desse país, a perspectiva do índio como inferior, resultado da construção demoníaca colonial. O seu discurso é compreendido como um crime de ódio que afeta a humanidade, já que existe nele um desrespeito ao ser humano e o seu meio.

Por fim percebemos que esse discurso demonizador do outro não é algo exclusivo do presidente eleito e sim, um pensamento compartilhado pela maioria dos integrantes da bancada ruralista, que privilegia o agronegócio no lugar da vida subjetiva do ser humano. Esse discurso intensificado de forma feroz por essa onda conservadora de extrema direita que se alastrou no Brasil contamina o pensamento de grande parte da população brasileira, que caminha cega ao rumo do fascismo.

COMMENT CONSTRUIRE LA FIGURE DÉMONIAQUE AU BRÉSIL: ANALYSE DE LA RÉSIGNIFICATION DU SUPERNATURAL SOUS LES PEUPLES AUTOCHTONES

RÉSUMÉ

Il est en question l'analyse de la solidification du démon-chrétien sur les terres brésiliennes pendant la période coloniale, avec la base des relations entre les portugais et les peuples autochtones qui vivaient ici, à comprendre la justification démoniaque en tant qu'élément fondamental du processus d'anéantissement de la culture et de la vie de "l'Autre". Nous observons la construction démoniaque en tant qu'artifice idéologique et marques flagrantes du colonialisme au XXI^e siècle en analysant le groupe ruraliste du congrès national, où le discours reflète la diabolisation créée pendant la période coloniale. L'actuel président élu Jair Bolsonaro valide cette pensée, plaçant les peuples d'origine au dernier plan de son gouvernement, son discours va plus loin dans l'infériorisation, c'est une action contre l'humanité. Cet article présente caractéristiques de différents courants historiographiques dans le domaine de la religiosité et de l'imaginaire, corroborant avec un débat interdisciplinaire dans le domaine de l'anthropologie.

Mots-clés: peuples autochtones, démoniaque, colonialisme

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. R. C. Os Índios na História do Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

BARROS, J.D'A. O campo da história: Especialidades e abordagens. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BASCHET, J. A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BAUMAN, Z. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

DELUMEAU, J. A História do Medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FREIRE, G. S. Encontros, diálogos e agências: circularidades culturais entre indígenas Tarairiu e missionário na Paraíba setecentista. Campina Grande: EDUFPG, 2015.

GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOLANDA, S. B. Visões do Paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

MARX, K; ENGELS, F. A ideologia alemã. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

REIS, J. C. As identidades do Brasil 1: de Varnhagen a FHC. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.3 ed. São Paulo: Global, 2015.

SOUZA, L. M. O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOUZA, L. M. Inferno Atlântico: demonologia e colonização século XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<http://prodoclin.museudoindio.gov.br/> acesso em 15 de outubro de 2018 às 22:59

<http://www.culturabrasil.org/seattle1.htm> acesso em 01 de outubro de 2018 às 14:02

<https://www.beefpoint.com.br/blairo-maggi-a-briga-por-terra-e-uma-questao-ideologica/> acesso em 15 de novembro de 2018 às 16:20

https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-culpa-politicas-ambientais-por-atraso-e-diz-que-indio-quer-ser-o-que-nos-somos,70002608015?utm_source=twitter:newsfeed&utm_medium=social-organic&utm_campaign=redes-sociais:112018:e&utm_content=:::&utm_term=
acesso em 15 de novembro de 2018 às 09:20

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/09/politica/1541769904_001109.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR3XMDL42EEaJ29T5ukxSLDioV0SVDCaWIBVnFhdbWcUexCEOLkucqswUXM acesso em 20 de novembro de 2018 às 20:20

<https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/> acesso em 19 de novembro de 2018 às 04:20

ANEXO

Figura A.



Entrevista ao jornal Estadão do presidente eleito Jair Bolsonaro sobre os povos indígenas.

Figura B.



Manchete no jornal El país, sobre as declarações do atual presidente eleito Jair Bolsonaro